

Francisco Banha, presidente da Federação Nacional das Associações de Business Angels, considera

Mercado do "private equity" em Portugal "está bem e recomenda-se"

O "private equity" atravessa em Portugal um momento de "grande dinamismo", com um acréscimo, em 2009, de 13,7% no volume de investimentos. Segundo Francisco Banha, este possui já uma forte maturidade, com um forte indicador nos 937 milhões de euros que as sociedades de capital de risco angariaram neste mercado. Ciências da vida, energias alternativas e tecnologias de informação, bem como projectos ligados à Web 2.0, contam-se entre os segmentos mais apelativos ao investimento. Por outro lado, quatro concursos criados ao abrigo do Programa Compete, no montante de 123 milhões de euros, deverão contrariar o reduzido número de investimentos do "venture capital" nas fases de capital semente e "start-ups" verificados.

Vida Económica - Que principais tendências podem ser verificadas ao nível do "venture capital", "private equity" e mercados de capitais em geral na presente conjuntura?

Francisco Banha - Os especialistas presentes na X edição do nosso Congresso Internacional de Capital de Risco e Empreendedorismo confirmaram com um conjunto de dados bem sustentados que o "private equity" atravessou no ano de 2009 um período bastante conturbado, apesar de, no último trimestre, a tendência se ter começado a inverter.

De facto, para que se possa ter uma ideia mais concreta sobre esta situação, refira-se que em 2009 nos EUA foram investidos cerca de 22,4 mil milhões de USD, contra 31,5 mil milhões em 2008, correspondentes a 597 e 2562 operações, respectivamente. Por sua vez, na Europa, os valores investidos em 2009 foram de 3,4 mil milhões de euros, contra 5,2 mil milhões em 2008, correspondentes a 979 e 1274 operações, respectivamente.

No que diz respeito aos sectores de actividade mais interessantes para os fundos de "private equity", estes encontram-se nas ciências da vida, energias alternativas e tecnologias de informação. De referir que, ao nível dos "business angels", a tendência de investimento está cada vez mais associada, principalmente nos EUA, a projectos que visam aproveitar as potencialidades da Web 2.0. Quanto às condições exigidas, elas acabam por estar relacionadas com equipas de gestão muito bem estruturadas, necessidades a satisfazer perfeitamente delimitadas e profundo conhecimento das áreas

de negócio onde essas necessidades são identificadas.

VE - Um outro tema em análise é o do "private equity" em Portugal. Que análise faz deste mercado, que tendências podem ser apontadas e de que forma este pode estimular o empreendedorismo em Portugal?

FB - O mercado do "private equity" em Portugal está bem e recomenda-se. De facto, nunca se investiu tanto como em 2009, ano em que se registaram mais de 300 milhões de euros de investimentos, ou seja, um acréscimo de 13,7% relativamente a 2008. Por outro lado, os montantes angariados no mercado por parte das sociedades de capital de risco (SCR), associadas da APCRI, atingiram o interessante número de 937 milhões de euros, o que diz bem do estado de maturidade em que já se encontra o sector de "private equity" nacional.

Mas se o "private equity" está com grande dinamismo, o mesmo já não se passa no sector de "venture capital", onde o número de investimentos realizados nas fases de capital semente e "start-ups" deixam muito a desejar, conforme o demonstra o facto de, nos últimos três anos, apenas se ter registado um investimento em projectos designados por "semente".

Contudo, os quatro concursos, recentemente criados ao abrigo do Programa Compete, no montante de 123 milhões de euros que estão em funcionamento a partir do corrente mês de Junho, irão ajudar a inverter esta tendência, uma vez que os mesmos terão precisamente o seu foco nos projectos apresentados por empreendedores nas fases de "pré-semente", semente e "start-up", contri-

buindo assim para um forte impulso do empreendedorismo qualificado de que o nosso país tanto precisa.

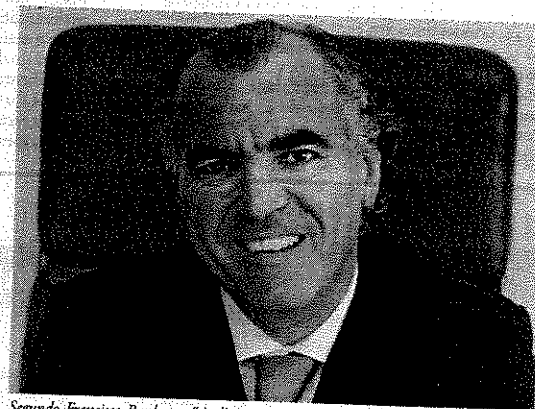
VE - Até que ponto os negócios "verdes" e a influência dos créditos de carbono poderão impor novas regras ao sistema económico e empresarial português?

FB - Os negócios verdes têm neste momento uma grande procura junto de investidores. Tudo o que permitir viabilizar ou potenciar esses negócios, sejam os créditos carbono, sejam as tarifas privilegiadas e garantidas, na área das energias renováveis, são positivos para os investidores apoiarem essas "start-ups". Quanto mais projectos "verdes" forem apoiados, maior desenvolvimento económico nessas áreas será induzido em Portugal.

Risco de capital dos "business angels" aumenta

VE - De que modo se coloca a gestão da variável risco neste âmbito?

FB - O risco e o retorno são duas faces da mesma moeda. Devido ao facto de haver escassez de crédito, os projectos são menos alavancados, logo com um reforço dos capitais próprios, pelo que o risco de capital dos "business angels" aumenta, mas o risco de projecto diminui. Com o aumento de capitais próprios, diminui o número de projectos financiados. Projectos com "pay back" mais rápido tendem a ter mais procura do que projectos com "pay back" mais longo. Os "business angels" e as capitais de risco podem ainda diminuir o risco de uma determinada operação fazendo sindicância dos



Segundo Francisco Banha, a "sindicância entre "business angels" e capitais de risco e outros operadores e fundos" reduz o risco de operações de investimento.

investimentos com outros players no mercado ou através de fundos de co-investimento, como é o caso, em Portugal, dos fundos FINICIA.

VE - No que toca aos "business angels", que balanço pode ser feito da aplicação do novo fundo de co-investimento criado pelo Compete? Existem já casos concretos de aplicação das verbas destinadas a entidades veículo?

FB - Ainda é cedo para fazer um balanço da iniciativa, na medida em que ainda estão a ser constituídas formalmente as Entidades Veículo que poderão realizar esses mesmos investimentos. Acredito que o "pontapé de partida" na procura de potenciais investimentos, dado que temos, conforme é próprio do evento, vários empreendedores a apresentarem os seus planos de negócio, empreendedores estes que foram já pré-seleccionados pela equipa da Gesventure e que podem constituir opções de investimento com elevado potencial.

VE - De que modo olha para o enquadramento fiscal internacional dos "business angels" e a sua "importação" pelo sistema legislativo e fiscal português?

FB - Desde que criei o "Business Angels Club" - há 10 anos - que procuro no estrangeiro boas práticas e exemplos que pudessem ser introduzidos em Portugal para dinamizar e incentivar os "business angels" a investir mais e com mais qualidade. Actualmente, apesar de continuar a procurar constantemente referências no exterior, reconheço que temos em Portugal boas condições para que os investimentos comecem a acontecer e que servem elas de referência a outros países. De certa forma, pertençamos agora ao pelotão dos países que lideram a implementação de medidas favoráveis à actividade dos "business angels", posição que se reflecte no nosso papel activo no rumo da Associação Mundial de "business angels". Conseguimos a aprovação por parte dos responsáveis do Programa COMPETE, IAPMEI e Secretaria de Estado dos Assuntos Fiscais de um Fundo de Co-Investimento com "business angels", no montante de 43 milhões de euros, o qual irá abranger 230 "business angels", inseridos em 56 Entidades Veículo. Concomitantemente a esta medida, foi aprovado um estímulo fiscal correspondente à dedução de 20% dos investimentos efectuados por "business angels", até ao limite de 15% da colecta.

contrar ainda numa posição muito delicada, a evolução ligeiramente positiva das ofertas de emprego no primeiro trimestre de 2010 permite enfrentar o futuro com algum optimismo".

Neste sentido, a percepção dos seus consultores especializados é de que tanto os candidatos como as empresas estão a mudar a sua visão do negócio, tendo em conta o movimento do sector bancário. De acordo com o grupo, a temática do re-

A actividade dos bancos foi das mais afectadas pela recente recessão económica

"O sector da banca foi um dos mais afectados pela crise económica, não só em Portugal mas em todo o Mundo". A garantia é deixada pela Michael Page International, grupo internacional de recrutamento especializado de executivos para média e alta gerência, que, na sua última análise, dá conta que o número de processos de selecção realizados pelo sector da banca, nos anos 2009 e 2010, caiu cerca de 40%. No documento, ao qual a "Vida

conta que "muitos profissionais experientes e com sólidas carreiras tiveram de enfrentar o desemprego ou a recolocação". No que concerne especificamente a Portugal, o conjunto de especialistas considera que se "assistiu à reorganização de estruturas, à descontinuação da actividade de várias empresas e ao regresso de profissionais do sector financeiro que se encontravam a trabalhar noutros países", tal como aconteceu "no Reino Unido".

a Michael Page International considera que "começa já a sentir-se um ligeiro aumento do número de processos de selecção na área da banca", solicitados pelos clientes da empresa. "Nos primeiros meses do ano, o grupo já desenvolveu vários processos", afirma os próprios, no mesmo relatório.

Silvia Nunes, responsável pela Divisão de Finance e Banking da Michael Page International, explica à "Vida Económica" que, ape-

do dia. "Muitos quadros executivos e directivos recusam-se a realizar as mesmas tarefas por uma menor retribuição. No entanto, existem profissionais que preferem manter o seu emprego por um salário inferior", apontam os especialistas no relatório. "Os packages salariais globais sofreram uma redução devido também à diminuição na atribuição de remuneração variável" acrescentam.